

CULTURA MIDIÁTICA NA SOCIEDADE NEOLIBERAL: ENTREVISTA COM A PROFESSORA ADELINA NOVAES

Entrevistadores:

Evandro Salvador Alves de Oliveira, evandro@fimes.edu.br

Júlio Henrique Cunha, julio_h_net@hotmail.com

Universidade de Uberaba (UNIUBE)

Sálua Cecílio, salua.cecilio@uniube.br

Coordenadora da entrevista

Introdução

A temática das tecnologias digitais de informação e comunicação presente nas discussões instauradas na academia, no campo da Educação, perpassa por aspectos relevantes sobre a cultura midiática na sociedade neoliberal. Nesse sentido, este assunto propicia reflexões e debates, questiona consensos que possibilitariam cristalizar e engessar ideias e ações relativas ao comportamento do ser humano em uma dada sociedade; entretanto, distorce imagens e afirmações construídas ao longo da história das mídias e das telecomunicações.

Nesta direção, elaboramos uma entrevista fundamentando-se nas obras de Dardot e Laval, Tardif, Raquel Barreto, entre outros autores; com o propósito de trazer à tona algumas contemplações sobre as contestáveis relações entre educação e tecnologias na sociedade neoliberal e seus efeitos na produção de subjetividades. Para tanto, convidamos pesquisadores com destaque no cenário nacional, ponderando suas significativas contribuições registradas na área em que atuam.

Dentre os pesquisadores convidados, entrevistamos Adelina Novaes (A. N.), considerando sua experiência como pesquisadora e docente na área da educação, com uma produção significativa em periódicos e eventos científicos. A seguir, apresentamos, de modo breve, um panorama da formação da entrevistada.

Conhecendo a entrevistada¹

A pesquisadora Adelina Novaes graduou-se em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002); possui mestrado (2006) e doutorado (2010) em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Desenvolveu pós-doutorado, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação, em Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2014) e no Department of Social Psychology da The London School of Economics and Political Science (2015).

Atualmente é docente/pesquisadora do Programa de Mestrado Acadêmico em Educação e do Mestrado Profissional Formação de Gestores Educacionais da Universidade Cidade de São Paulo. É pesquisadora do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas, onde atua como coordenadora adjunta do Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade - Educação, como pesquisadora permanente da Cátedra UNESCO sobre Profissionalização Docente e como membro do conselho científico da Cátedra Franco-Brasileira Serge Moscovici.

Entrevistando Adelina Novaes

Neste tópico, apresentamos as considerações da professora Adelina Novaes sobre os questionamentos que versam sobre a temática “Cultura Midiática na Sociedade Neoliberal”. Esperamos que tais apontamentos contribuam para o avanço dos estudos sobre a referida temática.

Pesquisadores: Como se deu o seu envolvimento com a temática das Mídias na Educação? Há quanto tempo isso ocorreu e por quais razões? Comente o seu processo formativo; ressaltando relações entre sua graduação e pós-graduação com a atuação docente e as pesquisas que vem realizando.

A. N.: O estudo da subjetividade pode ser compreendido como motriz da psicologia contemporânea, sobretudo da psicologia social latino-americana. É certo que se trata de um termo polissêmico, mas, por diversas abordagens epistemológicas, o sujeito (singular e social) tem sido o centro dos interesses investigativos em psicologia. Dada a minha formação em psicologia (social, da educação), desde o meu curso de graduação, no Rio de Janeiro, eu me interessei pela temática, sempre sob o enfoque da teoria das representações sociais. No Rio, tive a oportunidade de estagiar com

¹ As informações prévias sobre a formação da autora foram retiradas de seu Currículo Lattes, disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4771103J4>>, acesso em 6 de outubro de 2017.

Angela Arruda por cerca de três anos, em um projeto internacional sobre imaginário e representações sociais de estudantes de graduação de diversos cursos. Depois de minha trajetória formativa na pós-graduação, com a inspiradora orientação da Profa. Clarilza Prado de Sousa, recebi o grato convite para contribuir na coordenação do Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade - Educação (CIERS-ed), da Fundação Carlos Chagas, onde tenho a oportunidade de coordenar e participar de projetos que congregam pesquisadores em rede, em torno da temática da subjetividade, na sua articulação com a educação.

Pesquisadores: Considerando que somos perpassados por uma ideologia neoliberal, que demanda um maior grau de eficiência e produtividade de todos os segmentos profissionais e da sociedade como um todo, entendemos que aos professores também são apresentadas exigências na mesma direção. Nesse sentido, tem-se uma condição de trabalho em que, aos professores, cabe maior envolvimento e dedicação para atingir a eficiência e o grau de produção esperados. Sobre tal contexto de trabalho, na sociedade neoliberal, perguntamos: você concorda que é condição para a sobrevivência produzir cada vez mais? Considera haver um papel das tecnologias em tal processo? Por outro lado, admite ser destinado aos profissionais da educação um papel específico diante das exigências de mercado, em tempos de constantes renovações tecnológicas?

A. N.: Esse é um questionamento muito relevante, mas também muito complexo. Em 2014, eu fui convidada pelo Governo do Uruguai e pelas Nações Unidas para debater, em companhia de outros especialistas internacionais, o projeto de criação de uma "universidade para docentes", no Uruguai. Enfrentamos tais questões por três dias, sem chegarmos a respostas definitivas. Foi lá também que conheci uma metáfora que me encantou e que se aplica àquilo que penso: "trabalhar com educação é como remar em doce de leite". Significa dizer que é doce, é bom, mas avançamos com muita dificuldade. [Acho que essa metáfora é tão boa para os uruguaios, que produzem deliciosos doces de leite, quanto para os colegas mineiros!]. O potencial político e emancipador da educação é inquestionável. É por meio dela que podemos contribuir para um devir social comprometido com ideais humanísticos. O processo é lento, a formação docente enfrenta diversas dificuldades, a classe é desvalorizada, mas há que se ter em mente tal potencial, com especial atenção para a educação básica.

Pesquisadores: Levando em consideração a era da convergência midiática e os tempos da "idade mídia", em que subjetividades de professores correm o risco de serem colocadas em suspenso, a partir de relações ampliadas e plurais com tecnologias digitais, indagamos: na sua visão, quais são os principais efeitos e impactos que "as novas fronteiras da indústria e dos serviços – consideradas

por Raquel Barreto (2014) como “meios econômicos” – causam nos indivíduos em suas interfaces com os dispositivos de mídia eletrônica, como celulares, smartphones tablets e *computadores*?

A. N.: Eu gostaria de saber responder a essa e a próxima, e muito me instigam as teorias que consideram os dispositivos de mídia eletrônica como elementos constitutivos das subjetividades, a exemplo da ANT, a Teoria Ator-Rede. Minhas investigações não têm se dedicado expressamente a essa temática e tenho tido algum contato com a discussão por meio da interlocução com colegas e da participação em bancas. Fato é que estou respondendo a esta entrevista pelo smartphone... O que eu poderia afirmar, e que me traz preocupação, diz respeito à educação de professores à distância. Ocorre que a docência é uma profissão relacional e, portanto, se desenvolve na relação entre professor e seus estudantes. Uma das investigações que realizei deixou patente que o tempo de experiência mantém conexão direta com a constituição da subjetividade social dos professores e com a maneira que preparam suas aulas e se dedicam à docência. Nesse sentido, os estágios e as atividades presenciais são de capital importância para a formação docente.

Pesquisadores: Considerando o enfraquecimento e/ou a diluição de fronteiras entre trabalho docente e vida pessoal, em razão da onipresença de tecnologias que impulsionam o ritmo de trabalho na sociedade do século XXI, a que caminhos esse fenômeno pode nos levar? Quais as possíveis implicações no campo educacional? Quais as decorrências do uso de tecnologias para o trabalho docente, em especial no ensino superior?

A. N.: A porosidade, ou a diluição, de fronteiras entre o trabalho e a vida pessoal é um fenômeno de grande amplitude e se aplica aos mais variados profissionais. O que a torna mais preocupante é o fato de a docência estar no rol das profissões relacionais. Eu ousou dizer que o fenômeno já nos levou ao mal-estar docente, que resulta em sofrimento para professores e desamparo para alunos. Essa é apenas uma das possíveis implicações para o campo educacional.

Pesquisadores: Como você compreende a expressão “novas tecnologias” na sociedade do consumo e do capitalismo neoliberal? Quais as decorrências do uso de tecnologias para o trabalho docente, em especial no ensino superior?

A. N.: Como disse na resposta da segunda pergunta, não tenho desenvolvido estudos dedicados expressamente a essa temática, mas me arrisco a dizer que há uma ambivalência intrínseca ao uso das "novas tecnologias". Se, por um lado, elas nos apresentam um universo de possibilidades criativas, por outro, consistem uma perversão, no sentido psicanalítico, ou seja, um desvio quanto ao

objeto. Isso fica mais evidente quando pensamos nas suas articulações com a infindável busca pela eficiência e pela produtividade em detrimento da aprendizagem e da produção de conhecimento.

Pesquisadores: No decorrer da prática docente, à luz das considerações de Tardif (2010, p. 112), “os professores reinterpretem, ressignificam e ampliam os saberes docentes da formação inicial de acordo com o contexto de trabalho em que estão inseridos, bem como a partir das articulações e interações que estabelecem com os alunos”. Tomando como base tal pressuposto, em sua avaliação, quais são os principais dilemas de professores no que tange à utilização ou não de tecnologias no trabalho docente, nos espaços da sala de aula e fora dela?

A. N.: Ao assumir que é na dialogia alteridade-subjetividade que nos constituímos, é possível afirmar que o outro por excelência do/da docente é o estudante, é a classe. Enquanto professores, precisamos estar atentos às variadas linguagens que contribuem para a comunicação com os alunos, por outro lado, há regras de conduta a serem negociadas. É mais um exemplo de que a educação é como remar em doce de leite...

Pesquisadores: Segundo Dardot e Laval (2016, p. 331), “a racionalidade neoliberal impele o seu agir sobre si mesmo para fortalecer-se e, assim, sobreviver na competição. Todas as suas atividades devem assemelhar-se a uma produção, a um investimento, a um cálculo de custos. A economia torna-se disciplina pessoal.” Que possíveis desdobramentos dessa visão neoliberal a Sra. vislumbra para a construção da subjetividade docente?

A. N.: São inúmeros os desdobramentos e eles atingem às mais distintas dimensões da subjetividade: lócus de constituição, ethos, modus, temporalidades etc. Como eu havia mencionado, vamos pervertendo nossas práticas: em detrimento da formação do cidadão, o treinamento para melhor desempenho em português e matemática; em detrimento da produção de conhecimento, a eficiência e a produtividade.

Pesquisadores: Em sua análise, considerando os paradigmas neoliberais e suas relações íntimas com a cultura digital, haveria alguma forma de “resistência” ou de “subterfúgio” à cooptação das subjetividades em um contexto impregnado pela imposição do modelo de sujeito neoliberal?

A. N.: Eu gosto de acreditar que podemos contribuir para a promoção de mudança e de transformação social por meio da educação. Quanto mais fizermos nesse sentido, mais ampliadas serão as chances de contribuirmos para a emancipação dos sujeitos sociais. Significa dizer que quanto

mais conhecimento, maior potencial criativo, maior possibilidade de resistência, maior a chance de transformação social. Os estudantes e professores das ocupações estão aí para nos dar alento e nos levar a crer nisso.

Referências

BARRETO, Raquel Goulart. *Tecnologias e trabalho docente: entre políticas e práticas*. Petrópolis: De Petrus et Alli; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2014. 212 p.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016. 413 p.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

REVISTA
PROFISSÃO
DOCENTE ON
LINE